

# METAMORFOSES DO CAPITALISMO E CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA: TENDÊNCIAS, CONTRATENDÊNCIAS E DIVISÃO CENTRO-PERIFERIA

*Bruno Prado Prates<sup>1</sup>*

**Resumo:** O objetivo do presente trabalho é relacionar as mudanças na redação, por Marx, de sua crítica da economia política - e a lei da queda tendencial da taxa de lucro em particular - com o que Celso Furtado chamou de “metamorfoses do capitalismo”. Buscaremos argumentar que o processo de redação de O capital é afetado tanto por mudanças nas investigações de Marx, gradativamente mais orientadas à formações sociais não-ocidentais, quanto pelo desenvolvimento do próprio capitalismo europeu, que se mostrou resistente a sucessivas crises e revoltas populares. Acreditamos que essa discussão é da maior importância para se pensar o capitalismo contemporâneo, marcado pela centralidade da ciência, tecnologia, e pela divisão centro-periferia. A sobrevivência do capitalismo após sucessivas crises, assim como a derrota da Comuna de Paris, levaram Marx e Engels, no final da década de 1870, a aprofundar seus estudos sobre as formações sociais não ocidentais, em particular a Rússia. Esse novo engajamento fez com que os autores se debruçassem sobre o papel das comunas rurais e da indústria capitalista, discussão muito presente nas correspondências de Marx e Engels com socialistas russos como Nikolai Danielson e Vera Zasulich, e pode ser conferida nos textos organizados por Teodor Shanin. Na década de 1920, parte dessa problemática ganhou novo fôlego nas discussões sobre a construção da economia soviética, que levaram ao que Alec Nove considera o início de uma teoria do desenvolvimento. Acreditamos que essas questões conectam a inflexão no pensamento de Marx com problemas políticos e econômicos contemporâneos. Após a Segunda Guerra Mundial, a Revolução Científico-Técnica transformou enormemente a relação entre a ciência e a produção, como demonstra Teotônio dos Santos. A riqueza da teoria econômica deste período deu origem à abordagem centro-periferia que, como formulada por Furtado, explica as relações de dependência estabelecidas com a nova divisão internacional do trabalho. Neste contexto, as contratendências identificadas por Marx devem ser compreendidas à luz do que Furtado chamou de “metamorfoses do capitalismo”, em que não se trata apenas de discutir o papel da industrialização, mas principalmente da tecnologia e da superação da condição periférica. Essa nova abordagem confere à crítica do capitalismo de nosso tempo a necessária ênfase no papel da ciência, tecnologia, e das novas características do imperialismo.

**Palavras-chave:** Metamorfoses do capitalismo; crítica da economia política; centro-periferia; queda tendencial da taxa de lucro

---

1 Mestrando em Economia no Cedeplar/UFMG. Bolsista FAPEMIG.

## 1. Introdução

A percepção de Marx sobre as crises capitalistas se altera consideravelmente ao longo do tempo, fruto não apenas de aprofundamento teórico, mas também das transformações ocorridas na própria realidade. Boa parte das discussões de Marx sobre a crise está relacionada à *lei da queda tendencial da taxa de lucro*, considerada pelo autor a “lei mais importante da economia política”<sup>2</sup>. Em 1857, frente à primeira crise econômica de proporções mundiais, Marx descreve a lei como uma tendência à derrocada do capital, reflexo de uma percepção conjuntural. Já no *Manuscrito de 1864-65*, que mais tarde daria origem ao Livro III de *O capital*, Marx confere mais ênfase às contratendências dessa lei, indicando o esforço do autor em compreender os fatores que levaram à rápida recuperação do capitalismo após a crise. Nessa nova abordagem, as transformações tecnológicas de seu tempo, assim como as práticas colonialistas, passam a ocupar maior espaço em sua crítica da economia política.

Essas mudanças na redação de sua crítica da economia política coincidem, portanto, com uma maior atenção, por parte do autor, às formações sociais não-ocidentais ou pré-capitalistas. A constatação dessa mudança não é nova, e foi profundamente analisada por Anderson<sup>3</sup> e Pradella<sup>4</sup>. Ambos os autores demonstram que, em 1857, ano da crise mundial, Marx analisava atentamente também o Levante Sepoy, na Índia, e a Revolução Taiping, na China. Esses eventos se somam a investigações posteriores, como as revoltas na Polônia, a situação da classe trabalhadora na Irlanda, a guerra civil americana, e as revoltas camponesas na Rússia. O fundamental dessas discussões é que levaram Marx a uma verdadeira inflexão. O autor de *O capital* passa a considerar que era mais provável que a revolução tivesse início em um país camponês, como a Irlanda ou a Rússia, para só então se espalhar para as grandes potências capitalistas.

Com este artigo, pretendemos relacionar as mudanças na redação, por Marx, de sua crítica da economia política - e a *lei da queda tendencial da taxa de lucro* em particular - com o que Furtado<sup>5</sup> chamou de *metamorfoses do capitalismo*. Buscaremos argumentar que o processo de redação de *O capital* é afetado tanto por mudanças nas investigações de Marx, gradativamente mais orientadas às formações sociais periféricas, quanto pelo desenvolvimento do próprio capitalismo europeu, que se mostrou resistente a sucessivas crises e revoltas populares. Cabe assinalar que utilizaremos o termo “periferias” ou “formações sociais periféricas” para descrever países ou sociedades frequentemente chamados de “não-ocidentais”, “atrasados”, “pré-capitalistas”, “não-industrializados”. Ao nosso ver, o termo

2 MARX, K. *Grundrisse*: manuscritos econômicos de 1857-1858. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.

3 ANDERSON, K. *Marx at margins*: on nationalism, ethnicity and non-Western societies. Chicago: The University of Chicago Press, 2010.

4 PRADELLA, L. *Globalisation and the critique of political economy*: new insights from Marx's writings. Oxon/New York: Routledge, 2015.

5 FURTADO, C. *Metamorfoses do capitalismo*. 2002. Acesso: 05 out 2020 <<http://www.redcelsofurtado.edu.mx/archivosPDF/furtado1.pdf>>

periferia expressa o que há de comum aos outros termos: a condição de submissão às potências capitalistas como produto do colonialismo e do imperialismo. Convém destacar que Marx não utiliza o termo, ainda que seja possível argumentar pela existência de uma concepção semelhante, ainda embrionária, nos textos do alemão.

Além desta introdução e uma conclusão, este artigo conta com três outras seções. Na primeira, discutiremos o ano de 1857, assinalando os eventos mundiais que impactaram na redação dos manuscritos econômicos de Marx. Na segunda, discutiremos a situação pós-crise, com rápida recuperação da economia global, que levou Marx a enfatizar as contradições à queda da taxa de lucro. Por fim, discutiremos as formulações de Marx em sua última década de vida, relacionando, brevemente, sua visão sobre as periferias e sua crítica da economia política com os problemas do capitalismo contemporâneo.

## **2. As tendências de 1857**

O ano de 1857 foi marcante para o pensamento de Marx. Foi neste ano que eclodiu na Índia o Levante Sepoy, que se somou, aos olhos do autor, a uma radicalização já em curso: a Revolução Taiping, na China. Como veremos, ambos os eventos foram de grande importância para Marx, que os analisava atentamente como jornalista do *New York Tribune* (doravante NYT). Outro evento, também em 1857, impactou a obra do pensador alemão - a crise financeira de 1857-58, que estourou em Nova Iorque e logo se espalhou para outros países. Tanto a perspectiva de Marx sobre as crises capitalistas, como a descoberta da *lei da queda tendencial da taxa de lucro* (doravante LQTTL), foram consideravelmente impactadas pelos eventos descritos. O início de sua redação da crítica da economia política deve muito, portanto, aos eventos de instabilidade mundial dentro e fora dos limites territoriais das potências capitalistas de seu tempo.

Após a derrota da revolução de 1848 na Europa, Marx e Engels passam a dedicar maior atenção às questões coloniais, fato que se expressa nos artigos sobre a Índia e a China. Em 1850 tem início na China a Revolução Taiping, um movimento camponês anti-imperial, com ideias de igualdade e mesmo algumas tendências comunistas, mas também dimensões místicas e autoritárias<sup>6</sup>. Nesse sentido, o ano de 1850 demarca uma mudança de posição. Não será mais uma revolução na Europa a grande responsável por libertar a China, como anteriormente previsto. Segundo Marx e Engels, a China fará sua própria revolução, ainda que nos marcos da sociedade burguesa. Assim, os reacionários europeus, fugin-

---

6 ANDERSON, K. *Marx at margins: on nationalism, ethnicity and non-Western societies*. Chicago: The University of Chicago Press, 2010, pp. 28-29. Segundo Samir Amin, a Revolução Taiping é a origem distante dos pensamentos que chegaram ao poder com a Revolução Chinesa de 1949, liderada pelo Partido Comunista da China, ver: AMIN, S. Forerunners of the Contemporary World: The Paris Commune (1871) and the Taiping Revolution (1851–1864), *International Critical Thought*, 3:2, 159-164, 2013.

do da revolução social, encontrariam escrito na Grande Muralha: “République chinoise: Liberté, Egalité, Fraternité”<sup>7</sup>

Em 1856 tem início a Segunda Guerra do Ópio, evento que dá início a uma guerra nacional que se combina à Revolução Taiping e prelude o que Engels considera “uma nova era para toda a Ásia”<sup>8</sup>. Na esteira destes eventos eclode na Índia, em 1857, o Levante Sepoy, revolta iniciada por soldados indianos contra a dominação colonial britânica<sup>9</sup>. O apoio de Marx e Engels à Revolução Taiping e ao Levante Sepoy expressa a mudança na perspectiva dos autores durante a década de 1850, enfatizando cada vez mais as forças internas que podem conduzir os países não-ocidentais à situações revolucionárias. A posição anticolonial dos autores merece destaque. Marx chega a considerar os dois eventos como um levante geral das “grandes nações asiáticas” contra a dominação colonial<sup>10</sup>.

Durante este período também ocorreu a crise de 1857-58, que se deflagrou “exatamente como Marx havia previsto ainda em 1850 - com uma crise financeira em Nova Iorque” que logo se expandiu por diversos outros países<sup>11</sup>. Marx acompanhou a crise com atenção, juntando vasta quantidade de material empírico e coletando informações sobre as crises de variadas partes do mundo, o que resultou na elaboração de diversos artigos sobre o tema, dos quais dez foram publicados no NYT entre novembro de 1857 e março de 1858<sup>12</sup>. Em meio a sua tarefa de analisar corretamente as crises em suas publicações no NYT, Marx trabalhou em dois projetos simultaneamente enquanto acompanhava os eventos da crise mundial: a elaboração de sua crítica da economia política e a escrita de seus ‘livros sobre as crises’. Estes, segundo Krätke: “não pretendiam apenas servir como auxílio ao seu trabalho como jornalista. Eles também eram importantes para a teoria, para a explicação racional do fenômeno das modernas crises cíclicas, que Marx considerava parte indispensável da sua sistemática crítica da economia política”<sup>13</sup>. Por essa razão, Krätke considera que “sem a crise mundial de 1857-8, Marx provavelmente não teria escrito os *Grundrisse*”<sup>14</sup>.

7 MARX, K; ENGELS, F. *Marx and Engels collected works*, Volume 10, Marx and Engels: 1849-51. New York: International Publishers, 1978, p. 267.

8 ENGELS, F. *Marx and Engels collected works*, Volume 15, Marx and Engels: 1856-58. New York: International Publishers, 1986, p. 283.

9 ANDERSON, K. *Marx at margins: on nationalism, ethnicity and non-Western societies*. Chicago: The University of Chicago Press, 2010, pp. 37-38.

10 MARX, K. *Marx and Engels collected works*, Volume 15, Marx and Engels: 1856-58. New York: International Publishers, 1986, p. 298.

11 KRÄTKE, M. R. “Marx’s ‘books of crisis’ of 1857–8”. In: MUSTO, M. *Karl Marx’s Grundrisse: foundations of the critique of political economy 150 years later*. New York/Abingdon: Routledge, 2008(a), p. 169.

12 KRÄTKE, M. R. “The first world economic crisis: Marx as an economic journalist”. In: MUSTO, M. *Karl Marx’s Grundrisse: foundations of the critique of political economy 150 years later*. New York/Abingdon: Routledge, 2008(b), p. 165.

13 KRÄTKE, M. R. “Marx’s ‘books of crisis’ of 1857–8”. In: MUSTO, M. *Karl Marx’s Grundrisse: foundations of the critique of political economy 150 years later*. New York/Abingdon: Routledge, 2008(a), p. 170.

14 *Ibid.*, p. 169.

As formulações tanto sobre o problema colonial quanto sobre a crise do capitalismo e a redação da crítica da economia política estão conectadas no pensamento de Marx. Em carta a Engels de 1858, o autor de *O capital*, ainda acompanhando o Levante Sepoy, afirma que a Índia é o “nosso melhor aliado”<sup>15</sup>. Nesta mesma carta, o autor discute a dialética hegeliana e questões de método, justamente no momento em que ainda se ocupava com a escrita dos manuscritos de 1857-58, conhecidos como *Grundrisse*. No texto, Marx comemora ter demolido a teoria do lucro até então propagada e credita parte deste feito ao estudo da *Ciência da Lógica*, de Hegel. Em sua introdução aos *Grundrisse*, Marx estabelece o método que, conforme Chasin, consiste no “modo de produção de concretos de pensamentos a partir da destilação prévia de abstrações razoáveis”. Portanto, a exposição parte do abstrato e percorre o “caminho cientificamente exato da concreção ou particularização”<sup>16</sup>. É este caminho que, segundo João Antônio de Paula, permitiu que Marx realizasse uma “dupla suprassunção”: superar, ao mesmo tempo, a naturalização das relações de produção capitalistas, típica da economia política; e a idealização, ou a absolutização do espírito, típica da sugestão de Hegel<sup>17</sup>.

A influência das revoluções asiáticas se mostra presente nos *Grundrisse*. Segundo Anderson<sup>18</sup>, estes manuscritos encerram uma abordagem mais multilinear para a história do que os escritos antecessores. Os *Grundrisse* oferecem uma análise do desenvolvimento de diferentes formações sociais, incluindo formações asiáticas não-capitalistas, e sinalizam para as mais variadas possibilidades de desenvolvimento destes modos de produção. É também neste contexto que Marx formula a LQTTL que, segundo ele, é “a lei mais importante da economia política moderna” e, “a despeito de sua simplicidade, até agora nunca foi compreendida e muito menos conscientemente expressa”<sup>19</sup>.

Podemos compreender essa lei, de forma mais geral, como o nexos que explica diferentes consequências do desenvolvimento das forças produtivas sob o modo de produção capitalista. Segundo Fred Moseley tratava-se, para Marx, de compreender “o efeito das mudanças tecnológicas que aumentam a produtividade do trabalho (que Marx usualmente chama de ‘desenvolvimento das forças produtivas’) na taxa de lucro”<sup>20</sup>. Apesar de o capital sempre buscar um lucro maior, as medidas adotadas individualmente pelos capitalistas para obter esse lucro fazem com que, de maneira contraditória, a taxa geral de lucro tenda

15 MARX, K. *Marx and Engels collected works*, Volume 40, Marx and Engels: Letters: 1856-59. New York: International Publishers, 1983, p. 249.

16 CHASIN, J. *Marx: estatuto ontológico e resolução metodológica*. São Paulo: Boitempo, 2009, pp. 221-222.

17 PAULA, J. A. “A ‘introdução’ dos *Grundrisse*”. In: PAULA, J. A. (org.). *O ensaio geral: Marx e a crítica da economia política (1857-1858)*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, pp. 104-105.

18 ANDERSON, K. *Marx at margins: on nationalism, ethnicity and non-Western societies*. Chicago: The University of Chicago Press, 2010, p. 36.

19 MARX, K. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858*. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011, p. 626.

20 MOSELEY, F. “The development of Marx’s theory of the falling rate of profit in the four drafts of *Capital*”. In: LINDEN, M. v. d.; HUBMANN, G. *Marx’s capital: an unfinished project?* Leiden: Brill, 2018, pp. 96-97



a cair. O efeito final sobre a taxa de lucro depende, entretanto, de movimentos contraditórios, que podem apresentar os mais diversos resultados. Vejamos como Marx apresenta essa relação:

A taxa de lucro depende - pressuposto o mesmo mais-valor, o mesmo trabalho excedente em relação ao trabalho necessário - da relação entre a parte do capital que é trocada por trabalho vivo e a parte que existe na forma de matéria prima e meios de produção. Por conseguinte, quanto menor se torna a porção trocada por trabalho vivo, tanto menor se torna a taxa de lucro<sup>21</sup>.

Essa formulação pressupõe o mais-valor como constante, o que implica a necessária desigualdade do lucro “na proporção relativa à grandeza dos capitais”. Marx destaca, no entanto, que, ao tomar o mais-valor como variável, os resultados são diversos e mesmo contra-intuitivos: “a taxa de lucro pode cair, embora o mais-valor real suba. A taxa de lucro pode subir, embora o mais-valor real caia”<sup>22</sup>.

Como assinalamos, o contexto da redação dos *Grundrisse* é de crise nos países centrais e revolução nos países periféricos, fato que - entendendo o capital como uma relação de produção global, na qual os principais eventos ao redor do globo estão interrelacionados - sugeria a possibilidade cada vez mais concreta de derrocada do capitalismo. É sob a influência destes eventos que Marx constata a principal contradição que ronda a LQTTL: a ânsia pela valorização, que se manifesta no desenvolvimento desenfreado das forças produtivas, atua, ela mesma, como barreira à autovalorização do capital. O maior impedimento à produção capitalista é, portanto, ela própria. Este problema é colocado da seguinte forma:

Para além de certo ponto, o desenvolvimento das forças produtivas devem um obstáculo para o capital; ou seja, a relação de capital devem um obstáculo para [o] desenvolvimento das forças produtivas do trabalho. Ao atingir esse ponto, o capital, i.e., o trabalho assalariado, entra na mesma relação com o desenvolvimento da riqueza social e das forças produtivas que o sistema das corporações, a servidão, a escravidão e, como grilhão, é necessariamente removido. [...] A crescente inadequação do desenvolvimento produtivo da sociedade às suas relações de produção anteriores manifesta-se em contradições agudas, crises, convulsões. A **destruição violenta** de capital, não por circunstâncias externas a ele, mas como condição de sua autoconservação, é a forma mais contundente em que o capital é aconselhado a se retirar e ceder espaço a um estado superior de produção social<sup>23</sup>.

21 MARX, K. *Grundrisse*: manuscritos econômicos de 1857-1858. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011, p. 624-625.

22 *Ibid.*, p. 625.

23 *Ibid.*, p. 627 (destaque nosso).

Marx apresenta aqui, portanto, a tese que mais tarde se consagraria no *Prefácio de 59*, de que “em uma certa etapa de seu desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes”. Essa contradição faz com que: “de formas de desenvolvimento das forças produtivas essas relações se transformam em seus grilhões. Sobrevém então uma época de revolução social”<sup>24</sup>. O comunismo aparece como a solução desta contradição: “um estado superior de produção social” cuja crise do capitalismo é o convite. Aqui, a contradição interna desempenha um papel decisivo. As forças que buscam conservar o capital a todo custo são as mesmas que impõem a “destruição violenta de capital”. Neste contexto, essa contradição parece ser, aos olhos de Marx, a parteira de uma nova sociedade.

### **3. As contratendências do pós-crise**

Apesar do otimismo conjuntural de Marx e Engels quanto ao fim do capitalismo, não foi necessário muito tempo para que a economia mundial voltasse a se estabilizar. A efervescência do debate econômico mundial, bem como os fatos que se seguiram à crise, repercutiram de forma acentuada nos escritos de Marx, que acompanhava com atenção as transformações de seu tempo. Após este evento, Marx deixou de estabelecer uma conexão direta entre crise e revolução, parando também de abordar as crises em termos de colapso econômico. Alguns intérpretes, dentre eles Michael Heinrich<sup>25</sup>, consideram que ali a perspectiva marxiana se transformou, entendendo que não havia uma tendência econômica rumo ao fim do capitalismo.

O *Manuscrito de 1861-63* retoma boa parte do que já havia sido discutido nos *Grundrisse*, porém com mudanças na abordagem, além de breves formulações adicionais. Neste manuscrito, Marx enfatiza as contratendências da lei - fatores que podem impedir ou amenizar os resultados que a lei descreve - fazendo uma discussão mais completa sobre a contratendência do barateamento dos meios de produção. Há, também, detalhes sobre a existência de um limite para a obtenção de trabalho excedente: “mesmo que o trabalho excedente de 24 trabalhadores fosse apenas 1 hora, 2 trabalhadores não conseguiriam promover tanto trabalho excedente quanto os 24 trabalhadores promoviam (assumindo um dia de trabalho de 12 horas)”<sup>26</sup>. Além disso, Marx expressa os efeitos contraditórios do incremento de produtividade em termos de uma “dupla manifestação”, que consiste no fato de

24 MARX, K. “Prefácio”. In: MARX, K. *Para a crítica da economia política*. São Paulo: Abril Cultural, 1982, p. 25.

25 HEINRICH, M. Crisis theory, the law of the tendency of the profit rate to fall, and Marx’s studies in the 1870s. New York: *Monthly Review*, 2013. Disponível em: <<https://monthlyreview.org/2013/04/01/crisis-theory-the-law-of-the-tendency-of-the-profit-rate-to-fall-and-marxs-studies-in-the-1870s/>>. Acesso: 05 out 2020.

26 MOSELEY, F. “The development of Marx’s theory of the falling rate of profit in the four drafts of Capital”. In: LINDEN, M. v. d.; HUBMANN, G. *Marx’s capital: an unfinished project?* Leiden: Brill, 2018, p. 111.

que o desenvolvimento das forças produtivas no capitalismo implica i) aumento da razão entre o trabalho excedente e o trabalho necessário; e ii) redução da razão entre o trabalho total em relação ao capital total investido. Estas consequências do desenvolvimento das forças produtivas exercem efeitos contrários sobre a taxa de lucro<sup>27</sup>.

A primeira metade da década de 1860 estabeleceu importantes mudanças. Neste contexto, a perspectiva de Marx sobre as formações sociais periféricas se inclina ainda mais à capacidade destes povos em intervir nas relações globais. Ao analisar o levante na Polônia, em carta a Engels de fevereiro de 1863, Marx conclui que a “era da revolução se abriu na Europa mais uma vez” e que, dessa vez, “a lava fluirá do oriente para o ocidente”<sup>28</sup>. Também é relevante o engajamento de Marx com a Guerra Civil Americana, no qual ele se coloca fortemente ao lado da União contra os proprietários de escravos no Sul. Como fruto destas análises, foi fundada a Associação Internacional dos Trabalhadores, em 1864<sup>29</sup>. Essa ênfase no papel ativo dos povos periféricos afeta, também, a exposição da LQTTL. O caráter global do capital parece estar cada vez mais presente, de forma que as leis imanentes desse modo de produção devem ser compreendidas não apenas a partir do capitalismo central, dos países de industrialização avançada, mas também dos países periféricos, cuja inserção no mercado mundial é fator determinante da acumulação de capital como um todo.

Nos *Manuscritos de 1864-65*, utilizados por Engels para organizar o Livro III de *O capital*<sup>30</sup>, o autor apresenta uma discussão mais longa sobre o barateamento do capital constante e a conseqüente relação entre matérias-primas e a taxa de lucro; confere também mais ênfase às contra-tendências da lei e à constatação de que a queda na taxa de lucro não é “absoluta”, mas apenas tendencial. Essa perspectiva enfatiza que a taxa de lucro não cai a todo o momento, podendo mesmo aumentar de forma substancial em períodos de expansão econômica. Aqui, a lei é exposta da seguinte forma:

A tendência progressiva da taxa geral de lucro à queda é, portanto, apenas uma expressão, peculiar ao modo de produção capitalista, do desenvolvimento progressivo da força produtiva social do trabalho. Não dizemos, com isso, que a taxa de lucro não possa cair provisoriamente por outras razões, mas demonstramos como uma necessidade evidente, com base na própria essência do modo de produção capitalista, que no progresso deste último a taxa média geral do mais-valor tem necessariamente de

27 *Ibid.*, p. 110.

28 MARX, K. *Marx and Engels collected works*, Volume 41, Marx and Engels: Letters: 1860-64. New York: International Publishers, 1985, p. 453.

29 Cf. ANDERSON, K. *Marx at margins: on nationalism, ethnicity and non-Western societies*. Chicago: The University of Chicago Press, 2010.

30 Segundo Moseley, em introdução à edição dos *Manuscritos* em língua inglesa, o texto do Livro III organizado por Engels é substancialmente similar ao manuscrito original na seção que utilizaremos. Optamos por citar conforme o Livro III, assinalando as diferenças quando houverem. Ver: MOSELEY, F. “Introduction”. In: MARX, K. *Economic manuscript of 1864-1865*/ translated by Ben Fowkes; edited and with an introduction by Fred Moseley. Leiden: Brill, 2016.



se expressar numa taxa geral decrescente de lucro. Assim como a massa do trabalho vivo empregado sempre decresce em relação à massa do trabalho objetivado que o trabalho vivo mobiliza, isto é, em relação aos meios de produção produtivamente consumidos, também a parte desse trabalho vivo que não é paga e que se objetiva em mais-valor tem de encontrar-se numa proporção sempre decrescente em relação ao volume de valor do capital total empregado. E essa proporção entre a massa de mais-valor e o valor do capital total empregado constitui a taxa de lucro, que tem, portanto, de **diminuir constantemente**<sup>31</sup>.

O autor estabelece uma enfática relação entre o comportamento do mais-valor e a necessária, e “constante”, queda da taxa de lucro. Essa colocação leva, nos parece, a um erro de interpretação. Mais à frente Marx demonstra que, a despeito de o aumento das forças produtivas gerar uma redução da taxa de exploração em relação ao capital total, é possível que a massa de mais-valor cresça em termos absolutos, fruto de uma acumulação acelerada de capital e, assim, ocorra um aumento da taxa de lucro. Essa reflexão leva Marx a um breve comentário sobre o conceito de lei, entendendo-a como uma “conexão interna e necessária entre dois termos que aparentemente se contradizem”<sup>32</sup>. Essa colocação sugere, como veremos ao final desta seção, que Marx entende as *leis* como onexo causal que explica fenômenos distintos, sem que, necessariamente, elas descrevam uma tendência empiricamente observável.

Cabe olhar mais atentamente para essas contratendências que, neste esboço do Livro III, cumprem papel central. Marx elenca seis causas contra-arrestantes mais gerais que podem anular ou amenizar a ação da lei que descreve a queda da taxa de lucro, fazendo dela uma lei tendencial. São elas: i - Aumento do grau de exploração do trabalho; ii - Compressão do salário abaixo de seu valor; iii - Barateamento dos elementos do capital constante; iv - A superpopulação relativa; v - O comércio exterior; e vi - O aumento do capital acionário<sup>33</sup>. Interessa-nos, particularmente, o papel da periferia nestes movimentos contra-arrestantes. Marx informa que, por meio do investimento de capital no comércio exterior, é possível obter uma taxa de lucro mais elevada que a taxa geral. Isso ocorre porque os capitais investidos no exterior competem com mercadorias produzidas por países com menos facilidades e produção, “de modo que o país mais avançado vende mercadorias acima de seu valor, embora mais baratas que os países concorrentes”<sup>34</sup>. O autor considera, ainda, o caso do mercado colonial, constatando que é possível obter taxas de lucro mais elevadas por meio do investimento de capital nas colônias, pois, “nesses lugares, em geral, devido a seu baixo desenvolvimento, a taxa de lucro é mais alta – o mesmo vale para a exploração

31 MARX, K. *O capital: crítica da economia política*, Livro III. São Paulo: Boitempo, 2017, p. 251 (destaque nosso).

32 *Ibid.*, p. 263.

33 *Ibid.*, pp. 271-279. No manuscrito original, os itens iii, v e vi não possuem título, cf. MARX, K. *Economic manuscript of 1864-1865*/ translated by Ben Fowkes; edited and with an introduction by Fred Moseley. Leiden: Brill, 2016, pp. 340-344.

34 MARX, K. *O capital: crítica da economia política*, Livro III. São Paulo: Boitempo, 2017, p. 276.

do trabalho, com o emprego de escravos e cules etc.”<sup>35</sup>. Por fim, cabe destacar os comentários de Marx sobre o papel das inovações tecnológicas. Marx constata que é possível inibir a queda da taxa de lucro por meio do aumento do mais valor acima do nível geral, fato que ocorre, temporariamente, “em benefício do capitalista que utiliza os inventos etc., antes que estes tenham se generalizado”<sup>36</sup>. Em seguida, Marx argumenta que este capitalista, que se beneficia da invenção, “vende mais barato que seus competidores e, não obstante, vende sua mercadoria acima do valor individual, isto é, que valoriza como mais-trabalho a força produtiva especificamente mais elevada do trabalho por ele empregado. Ele realiza, assim, um lucro extra [*Surplusprofit*]”<sup>37</sup>.

Não é de menor importância, portanto, o papel dos povos submetidos à colonização ou à condição de periferia em se rebelarem contra a dominação dos países centrais, visto que isso interfere na dinâmica da economia capitalista como um todo. A constante necessidade do capital de contrapor à queda da taxa de lucro ações contra-arrestantes sugere que devemos, na esteira das formulações de Marx, atribuir particular atenção ao colonialismo, que garante o aumento de mais-valor, e à divisão centro-periferia, que concentra em poucos países a capacidade de obter “lucros extras” oriundos das “invenções” e do maior progresso tecnológico.

Moseley<sup>38</sup> destaca que, assim como no manuscrito de 1861-63, Marx não associa as crises geradas pela queda da taxa de lucro a uma derrocada violenta do capitalismo, como sugerido nos *Grundrisse*. Ao contrário, as crises são “erupções violentas que reestabelecem por um momento o equilíbrio perturbado”<sup>39</sup>. Marx, portanto, já não busca a explicação para o limite das contradições do capital nas crises, mas na ausência delas, pois é na “normalidade” da produção capitalista que reside seu maior obstáculo. Como conclui Chasin: “a tematização marxiana do capital tem por núcleo sua contraditoriedade, não sua autodestrutividade. O capital é uma contradição insuperável, não uma ordem autodestrutiva”<sup>40</sup>. Essa conclusão não se contrapõe ao fato de que Marx sustentou, até o fim da vida, a visão e convicção de que o capitalismo deve ser abolido. Esse é, segundo Volgraff, “o aspecto comum, a coerência fundamental e a constante em seu multifacetado trabalho por quatro décadas”<sup>41</sup>. As formulações de Marx na década de 1860 combinam, portanto, novas percepções sobre o fenômeno das crises com a antiga conclusão presente nos *Grundrisse*:

35 *Ibid.*, p. 277.

36 *Ibid.*, pp. 272-273.

37 *Ibid.*, p. 277.

38 MOSELEY, F. “The development of Marx’s theory of the falling rate of profit in the four drafts of Capital”. In: LINDEN, M. v. d.; HÜBMANN, G. *Marx’s capital: an unfinished project?* Leiden: Brill, 2018, p. 127.

39 MARX, K. *O capital: crítica da economia política*, Livro III. São Paulo: Boitempo, 2017, p. 288.

40 CHASIN, J. Ad Hominem: rota e prospectiva de um projeto marxista. *Ensaio Ad Hominem*, I (3), 2000.

41 VOLLGRAF, C. Marx’s further work on Capital after publishing volume I: on the completion of part II of the MEGA<sup>2</sup>. In: LINDEN, M. v. d.; HÜBMANN, G. *Marx’s capital: an unfinished project?* Leiden: Brill, 2018, p. 57.

Se o modo de produção capitalista é um meio histórico para desenvolver a força produtiva material e criar o mercado mundial que lhe corresponde, ele é, ao mesmo tempo, a constante contradição entre essa sua missão histórica e as relações sociais de produção correspondentes a tal modo de produção<sup>42</sup>.

Parece-nos, assim, que a LQTTL não deve ser interpretada como uma lei preditiva, capaz de antever a ocorrência de crises e a eventual derrocada da produção capitalista, pois esta característica preditiva já haveria, nos tempos de Marx, entrado em contradição com a própria realidade, marcada por um sistema caduco que se recusava a permitir a emergência do novo. A lei deve ser interpretada, portanto, como a explicação dos aspectos inerentes à produção capitalista, que se manifestam, em nível empírico, das mais diversas maneiras, por vezes contraditórias entre si, mas que se explicam a partir de uma mesma legalidade imanente. Marx, em vida, pôde observar a capacidade do capitalismo de se reerguer após crises violentas, se reinventar, e de desenvolver as forças produtivas para além do que parecia possível frente à iminência de uma revolução social. Neste sentido, ao tratar da LQTTL, Marx confere cada vez mais ênfase às contratendências da lei, que garantem o fôlego, ainda que temporário, da produção capitalista. Cabe, aqui, esboçar uma sugestão: a explicação dos fenômenos de um capitalismo em constante metamorfose não parece residir apenas na confirmação de suas tendências, mas também, ao contrário, em sua negação. Podemos, por exemplo, formular questões do seguinte talhe: por que, em determinadas circunstâncias, a taxa de lucro aumenta *apesar* da “constante e necessária” tendência à queda? O próprio movimento real do objeto em questão, o capital, exige maior atenção às revoluções tecnológicas em curso, à divisão centro-periferia e suas implicações, às metamorfoses do capitalismo, e outros fatores que podem atuar como contratendências à lei.

#### **4. O dilema russo e as metamorfoses do capitalismo**

Faremos, por fim, uma breve sugestão para conectar as reflexões de Marx sobre a LQTTL e as periferias com o capitalismo contemporâneo. A sobrevivência do capitalismo após sucessivas crises, assim como a derrota da Comuna de Paris, levaram Marx e Engels, no final da década de 1870, a aprofundar seus estudos sobre as formações sociais periféricas, em particular a Rússia. Esse novo engajamento fez com que os autores se debruçassem sobre o papel das comunas rurais e da indústria capitalista, discussão muito presente nas correspondências de Marx e Engels com socialistas russos como Nikolai Danielson e Vera Zasulich, que pode ser conferida nos textos organizados por Shanin<sup>43</sup> e por Löwy<sup>44</sup>. Em carta a Karl Marx datada de fevereiro de 1881, a revolucionária Vera Zasulich alerta ao desti-

42 MARX, K. *O capital: crítica da economia política*, Livro III. São Paulo: Boitempo, 2017, pp. 289-290.

43 SHANIN, T. *Late Marx and the Russian road: Marx and the “peripheries of capitalism”*. New York: Monthly Review Press, 1983.

44 Cf. MARX, K.; ENGELS, F. *Lutas de classes na Rússia*. Org. Michael Löwy, São Paulo: Boitempo, 2013.

natário que seus discípulos, a pretexto de aplicar corretamente as lições de *O capital* à realidade russa, condenam à morte as formas sociais ditas “arcaicas” que constituem as propriedades rurais do país<sup>45</sup>. Zaslitch, assim como Nikolai Danielson e outros socialistas, se debruçava sobre um importante dilema: deveriam os socialistas, após tomar o poder na Rússia, acelerar a industrialização a fim de diminuir o atraso em relação aos países mais avançados? Ou, em vez disso, deveriam apostar no desenvolvimento do socialismo a partir das comunidades rurais de caráter mais igualitário?<sup>46</sup> Esse dilema estava presente nos debates de boa parte da intelectualidade russa, em particular entre os chamados Populistas, que hegemonizavam o pensamento revolucionário do país à época<sup>47</sup>.

Marx e Engels oferecem a esse dilema uma resposta condicional: “se a revolução russa constituir-se no sinal para a revolução proletária no Ocidente, de modo que uma complemente a outra, a atual propriedade comum da terra na Rússia poderá servir de ponto de partida para uma evolução comunista”<sup>48</sup>. Engels, em correspondência com Danielson, argumentou diversas vezes contra a visão deste, que defendia a construção do comunismo a partir das comunidades rurais russas, ainda que ocorresse uma industrialização parcial do país e a despeito da revolução em outros países. Em carta a Danielson de 22 de setembro de 1892, Engels enfatiza a “necessidade política” da construção de uma grande indústria como forma de enfrentar um possível conflito militar contra outras potências europeias<sup>49</sup>. Em 1893, Engels afirma a Danielson, em carta de 17 de outubro, que a Rússia só poderia desenvolver “formas sociais elevadas” a partir do “comunismo agrário primitivo” se essas formas já existissem em outro lugar do mundo, ou seja, já tivessem sido conquistadas pela revolução proletária em algum dos países com o capitalismo mais desenvolvido<sup>50</sup>. Não escapou a Marx e Engels, portanto, a necessidade de incorporar às periferias o nível de desenvolvimento das forças produtivas nos países centrais, sendo essa a única maneira de garantir sua soberania. Aqui, cabe apenas mencionar que, na década de 1920, parte dessa problemática ganhou novo fôlego nas discussões sobre a construção da economia soviética, que levaram ao que Nove considera o início de uma teoria do desenvolvimento<sup>51</sup>.

Acreditamos que essas questões conectam a visão de Marx sobre as periferias com problemas políticos e econômicos contemporâneos. Após a Segunda Guerra Mundial, a Revolução Científico-Técnica transformou enormemente a relação entre a ciência e a produ-

45 ZASULITCH, V. “Carta a Karl Marx, 16 fev. 1881”. In: MARX, K.; ENGELS, F. *Lutas de classes na Rússia*. Org. Michael Löwy, São Paulo: Boitempo, [1881]2013, p. 78.

46 A essa pergunta, Losurdo chama de q, atribuindo grande importância para compreender as tarefas das revoluções do século XX. Ver: LOSURDO, D. *O marxismo ocidental*. São Paulo: Boitempo, 2018, p. 59.

47 Lenin foi um eminente crítico do populismo. Ver: LENIN, V. I. *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

48 MARX, K.; ENGELS, F. “Prefácio à edição russa do Manifesto comunista”. In: MARX, K.; ENGELS, F. *Lutas de classes na Rússia*. Org. Michael Löwy, São Paulo: Boitempo, [1882]2013, p. 125.

49 ENGELS, F. *Marx and Engels collected works*, Volume 49, Engels: Letters: 1890-92. New York: International Publishers, 2001, pp. 535-538.

50 ENGELS, F. *Marx and Engels collected works*, Volume 50, Engels: Letters: 1892-95. New York: International Publishers, 2004, pp. 212-215.

51 NOVE, A. *An economic history of the USSR, 1917-1991*. London: Penguin Books, 1992.

ção, como argumenta Dos Santos. Segundo o autor, “a ciência se tornou a fonte principal das transformações revolucionárias no sistema produtivo, desde a produção material até sua concepção e gestão, que também afetam as demais dimensões da atividade econômica e cultural”<sup>52</sup>. Como assinalamos, Marx entendia as “transformações revolucionárias no sistema produtivo” como contratendências à queda da taxa de lucro, e já em seu tempo atribuía particular importância ao papel da ciência na dinâmica da economia. Basta assinalar a discussão feita sobre forças produtivas nos *Grundrisse*, na qual o alemão afirma que o desenvolvimento pleno do capital só acontece quando o processo de produção em seu conjunto aparece como a aplicação tecnológica da ciência e, por isso, “a tendência do capital é conferir à produção um caráter científico”<sup>53</sup>. Essas percepções sugerem uma reformulação do dilema russo que, acreditamos, nos ajuda a compreender a condição periférica, desde que acrescentemos à problemática da industrialização a dimensão da ciência e da tecnologia. A situação de industrialização dependente nos obriga a pensar a revolução social a partir de novas problemáticas e dilemas, contemplando as transformações (ou, como veremos, metamorfoses) em curso no capitalismo. Não se trata mais de analisar formações sociais pré-capitalistas ou não-industrializadas, mas de compreender o subdesenvolvimento, a dependência, e a divisão centro-periferia. Agora, na ausência de uma revolução mundial, torna-se uma “necessidade política” se apoderar do desenvolvimento científico e tecnológico obtido nos países centrais.

Como notam Paula *et al.*, Marx já percebia uma divisão internacional do trabalho sempre mudando conforme as transformações oriundas de revoluções tecnológicas. Segundo os autores, após escrever *O capital* Marx acompanhava atentamente a emergência de uma nova tecnologia, as ferrovias, que “forçavam regiões onde o capitalismo não era tão desenvolvido a ‘ampliar sua infraestrutura capitalista’”, e enfatizava a reorganização da produção mundial junto às mudanças que ocorriam em outros países. Estes fenômenos sugeriam a emergência de “um novo ponto de partida no centro mas com enormes implicações para o resto do mundo – ferrovias na periferia e uma nova divisão internacional do trabalho em 1879”<sup>54</sup>.

Seguindo os esforços de Marx em compreender as mudanças na economia mundial, tanto o “novo dilema russo” quanto a investigação sobre as contratendências da LQTTL podem ser compreendidos à luz da abordagem centro-periferia, que ajuda a explicar as relações de dependência estabelecidas com a nova divisão internacional do trabalho. Na formulação de Furtado, a divisão centro-periferia consiste na dinâmica entre um centro hegemônico de países que orientam a criatividade mundial, as inovações tecnológicas; e uma periferia composta por países que reproduzem a criatividade oriunda do centro, adotando

52 DOS SANTOS, T. *La revolución científico-técnica, tendencias y perspectivas*. México: Facultad de Economía, UNAM, 1987, p. 13.

53 MARX, K. *Grundrisse*: manuscritos econômicos de 1857-1858. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011, p. 583.

54 PAULA, J. A.; DE DEUS, L. G.; CERQUEIRA, H. E. A. G.; ALBUQUERQUE, E. M. New starting point(s): Marx, technological revolutions and changes in the centre-periphery divide. *Brazilian Journal of Political Economy*, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 100-116, Mar. 2020, p. 109.



padrões culturais dissonantes com a própria acumulação interna<sup>55</sup>. Em discurso proferido em 2002, Furtado alerta para uma mudança em curso: o capitalismo se metamorfoseou de forma a constituir um sistema centro-periferia no qual os ganhos econômicos já não se difundem na sociedade nem mesmo nos países centrais, pois são concentrados nas mãos de uma ínfima minoria que representa o grande capital internacional<sup>56</sup>. Furtado nos dá indícios, portanto, com a categoria de *metamorfoses do capitalismo*, da força e relevância que as contratendências à queda da taxa de lucro exercem no capitalismo contemporâneo. Frente aos limites impostos pela LQTTL, impõe-se ao capital a constante necessidade de renovação, de revoluções tecnológicas, de subordinação da periferia à acumulação no centro, e de novas formas de exploração da classe trabalhadora.

Quanto ao papel das periferias, seguimos Marx ao constatar a centralidade dos povos periféricos em romper com sua condição de subordinação e, mais ainda, fazer com que a revolução nestes países sirva como sinal para a revolução nos países centrais. Sendo assim, a revolução nas periferias contrasta com o capital de maneira dupla: ela instiga os povos do mundo todo a se rebelarem e debilita os mecanismos contra-arrestantes à queda da taxa de lucro.

## Conclusão

A redação da crítica da economia política foi realizada em constante contato com os problemas candentes do tempo de Marx. Em verdade, esta relação pode ser constatada em dois sentidos: tanto a escrita de *O capital* impacta na compreensão de Marx sobre os problemas mundiais com que lidava, quanto o contrário, que procuramos enfatizar: o estudo minucioso destes problemas foi central para estabelecer a compreensão presente nos vários manuscritos e publicações referentes à crítica da economia política.

O ano de 1857 é ilustrativo dessa relação. Estava em curso, simultaneamente, e sob olhar atento de Marx, a Revolução Taiping, o Levante Sepoy e a crise financeira mundial de 1857-58. Não é por acaso, como argumentamos, que os manuscritos escritos em 1857-58, os *Grundrisse*, contenham uma visão relativamente otimista, profundamente revolucionária, que assinalava para a emergência violenta de uma formação social superior. É neste contexto que Marx esboça a *lei da queda tendencial da taxa de lucro*, descoberta na própria realidade, que indica os limites inerentes à produção fundada sob o capital.

A rápida recuperação da economia mundial após a crise de 1857-58 exigiu novas formulações. Ainda sustentando a existência de uma tendência à queda da taxa de lucro, Marx confere cada vez mais ênfase às contratendências deste movimento. Ainda atento às movimentações nas periferias do sistema, como a Guerra Civil Americana e o levante na

55 FURTADO, C. *Criatividade e dependência na civilização industrial*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1978.

56 FURTADO, C. *Metamorfoses do capitalismo*. 2002. Acesso: 05 out 2020 <<http://www.redcelsofurtado.edu.mx/archivosPDF/furtado1.pdf>>

Polônia, além da formação da Associação Internacional dos Trabalhadores, Marx constata a capacidade do capitalismo em se renovar, sempre à custa da classe trabalhadora, e associa o rápido desenvolvimento das forças produtivas nos países centrais com fatores, a nosso ver, imprescindíveis para a compreensão do capitalismo contemporâneo: as transformações tecnológicas, o colonialismo, a divisão internacional do trabalho, e a opressão dos povos periféricos. Analisando a ênfase dada por Marx às contratendências, esboçamos uma sugestão: a explicação dos fenômenos de um capitalismo em constante metamorfose não parece residir apenas na confirmação de suas tendências, mas também, ao contrário, em sua negação. Portanto, seja no aumento, seja na queda da taxa de lucro, cabe observar atentamente os mecanismos em curso, as variadas medidas adotadas pelos capitalistas para contornar uma tendência inerente, uma lei que atua com férrea necessidade, que leva à queda da lucratividade.

Por fim, argumentamos que as tendências descobertas por Marx podem se manifestar, empiricamente, das mais variadas formas, e dependem do próprio curso da história, das lutas travadas entre classes, do nível de desenvolvimento das forças produtivas, da luta entre o colonialismo e a libertação nacional. É necessário, portanto, distinguir as particularidades do capitalismo contemporâneo, identificar as metamorfoses em curso, para, então, compreendê-lo. Acreditamos que as tendências e, principalmente, as contratendências identificadas pelo autor de *O capital* devem ser compreendidas à luz do que Celso Furtado chamou de *metamorfoses do capitalismo* e da abordagem centro-periferia. Esta, para além de discutir a “necessidade política” da industrialização, confere à crítica do capitalismo de nosso tempo a necessária ênfase no papel da ciência, da tecnologia, e das novas características da divisão internacional do trabalho.